

# G. Wilson Knight, "The Royal Occupation: An Essay on Coriolanus"\*

Artur Jorge Pires da Silva

*Woman is born of woman. But man is born of woman  
and never recovers from that fact.*  
Harold Bloom

Se meu filho fosse meu marido, antes folgaria  
de o ver ausente a buscar a honra que nos  
deleites da cama a mostrar-me o seu amor.

(I. iii)

A ideia central presente neste ensaio de G. Wilson Knight assenta no contraste entre dois valores: a guerra e o amor. A tragédia do protagonista, Coriolano, é não ter um destino. No início, Caio Márcio (o nome do herói antes do seu baptismo na batalha de Corioles) é-nos apresentado como a própria personificação da guerra e das suas virtudes. Ele representa a nobreza, a eficiência, o poder e a ambição. Contudo, estas características excluem o amor. Segundo Wilson Knight, a busca imoderada destes atributos leva Coriolano ao isolamento e ao orgulho. Esta é a tragédia do nosso herói: o valor da ambição guerreira contradiz-se a si própria, pois contém em si o gérmen da sua destruição. Coriolano é o herói trágico, cuja hubris é a incapacidade de relacionar valores em si positivos com o amor.

O estilo da peça reflecte esta oposição entre valores guerreiros e o poder do amor. O mundo presente em *Coriolano* é um mundo de armas, batalhas, barulho e revoltas. O estilo é cru, despojado e desapassionado. A sensação criada é a de um intelectualismo frio — o mundo da arena política. O brilho e a cor escasseiam e a imagética metálica associa-se directamente ao cenário das cidades — Roma e Corioles.

A civilização que emerge desta obra é bárbara, em construção: predominam o tijolo, o metal e a pedra. As cidades são circunscritas por muralhas, são metálicas e duras, tal como as imagens de guerra. Este é um mundo fechado, sombrio e hostil, que se centra na personagem de Coriolano: no acto I, Caio Márcio entra a "praguejar" e a "sangrar". Ferro, sangue, ambição e honra guerreira formam Coriolano. Estamos longe do mundo de *António e Cleópatra*. Ao contrário de António, Coriolano é um homem de ferro, forjado por um orgulho sanguinário. Coriolano é uma fortaleza férrea, e que só o amor à mãe poderá finalmente diluir e destruir.

O herói é educado por sua mãe, Volúmnia, uma matriarca que glorifica a vontade férrea e o orgulho guerreiro. Mãe e filho vivem uma relação de simbiose, que será a tragédia de Coriolano, quando este cede às súplicas de Volúmnia no acto V. Contudo, no acto I, Volúmnia expressa claramente a sua visão sobre a educação de Coriolano:

A honra é o valor que exclui o amor e que se torna numa força cega de orgulho. Wilson Knight argumenta que a excelência, o poder, o valor e a virtude resultantes da educação de Coriolano se esfumam em abstrações, quando desligados do universo mais amplo que é o amor. Deste modo, um monstro, Volúmnia, gera outro monstro, Coriolano. Este torna-se a imagem da própria morte, de um destino inexorável: Coriolano é como uma esfera posta em movimento, destruindo tudo e todos. É uma força sem objectivo; porém, Coriolano não é isento de virtudes. Ele é uma coisa completa, de uma perfeição redonda, completa e autosuficiente. Aqui reside, precisamente, o centro do conflito trágico do herói desta tragédia: Coriolano é como uma esfera que é arremessada e que atinge um objecto, só que esta personagem não tem um objecto específico. Coriolano é uma abstracção, uma força isolada. Para esta personagem, a guerra vale pela guerra, como o poder vale pelo poder: não existe uma relação destes valores com realidades mais vastas, como a cidade de Roma. Coriolano não trava as batalhas para defender a sua cidade, mas pelas batalhas e pela guerra em si próprias.

Coriolano distingue-se pelo seu poder aristocrático. Ele está acima da multidão e despreza o povo. As imagens da Natureza reforçam esta característica ao longo da peça. A oposição Coriolano/plebeus reflecte-se no contraste entre animais fortes e fracos (leões e lebres, raposas e gansos, gato e rato, etc). Esta imagética sugere constantemente a desigualdade inata dos seres humanos. Até mesmo os patrícios sentem a superioridade de Coriolano, como na cena da entrada triunfal em Roma.

Há tal tumulto que é como se o Deus  
Que o guia, esquivo, se houvera insinuado  
Na sua forma humana e lhe dera  
Tão grácil porte. (II, i)

Coriolano é um deus terrível e irado, em que o poder é a característica dominante, mas não o amor.

A frieza metálica da peça também encontra correspondências na utilização do som e da música. Brevemente, o contraste estabelecido entre o barulho da guerra e da revolta e a harmonia da música, aponta e reforça a oposição guerra/amor. Em *Coriolano*, o

barulho é uma arma política em que a vontade, e não a razão, predomina.

E quando começarem a gritar  
Não se calem e com grande alvoroço  
Exijam imediato cumprimento  
Da pena que for dada... (III, iii)

Barulho e música contrastam claramente no acto V, quando Coriolano, uma máquina de guerra, cede a Volúmnia. Menénio comenta a atitude do protagonista, quando este não cede à sua argumentação para desistir do propósito de destruir Roma.

... E agora não se lembra mais da mãe do que um cavalo de oito anos. O azedume do seu olhar azedaria as uvas maduras. Quando caminha, dir-se-ia uma máquina de guerra e o solo afunda-se sob os seus pés. Consegue perfurar uma couraça com os olhos, a sua voz é um toque de finados e os seus grunhidos, um assalto militar. (V, iv)

Após Coriolano ceder às súplicas da mãe, o amor vence o orgulho guerreiro e Roma irrompe em música.

Tubas, tambores, pífaros, saltérios  
Címbalos, tamborins e gritos dos romanos  
Fazem dançar o sol! Escutai! (V, iv)

A imagem metálica e ruidosa transforma-se em harmonia que rege o próprio universo.

Aproximamo-nos do centro do conflito trágico. No acto V, Coriolano, que nunca demonstrou o amor por alguém, cede incondicionalmente a sua mãe. Este amor será simultaneamente a salvação de Roma e a morte de Coriolano, quando este, em plena agonia, diz:

Oh, mãe, minha mãe!  
Que me fizestes? Vede, os céus se abrem,  
Os deuses olham lá de cima rindo-se  
Desta desnaturada cena. Oh, mãe!  
Feliz vitória destes vós a Roma;  
Porém, a vosso filho, crede, crede,  
Infligistes ferida muito grave,  
Senão mortal. (V, iii)

Estamos perante uma ironia trágica profundamente amarga: mãe e filho foram personagens que nunca demonstraram amor, mas que serviram valores desligados da vivência humana — honra, orgulho e glória. Volúmnia amou a honra e a glória de Coriolano. Finalmente apercebe-se que criou uma coisa aparentemente despojada de afectos, um robot idiota ou uma bomba-relógio. Ironicamente, o amor vinga-se (o Amor é um deus ciumento), pondo mãe e filho em conflito mortal. Volúmnia e Coriolano apercebem-se de que não podem amar exclusivamente através do orgulho, desprezando tudo e todos à sua volta, isolados

no seu poder aristocrático. Estas duas personagens amaram de forma provinciana e exclusiva, tal como as cidades de Roma e Corioles estavam circunscritas por muralhas. O seu amor esteve sempre abaixo do orgulho. Por este motivo, Volúmnia e Coriolano opõem-se no final: aquela suplica por Roma, este combate por Corioles. Ambos esqueceram-se que o amor é a última realidade e é assim que Volúmnia, ironicamente, defende Roma, o mesmo mundo que ensinara Coriolano a desprezar.

O orgulho do herói é oposto a três formas de beleza feminina: a mãe, a mulher e a ama do seu filho. Volúmnia apercebe-se tarde demais que a comunidade exige que rejeite o seu filho: ao saquear Roma, Coriolano estará a entrar e violar o ventre materno. Ao ceder a este amor, mãe e filho amam verdadeiramente pela primeira vez. O orgulho de cada um submete-se ao amor pela comunidade. Coriolano regressa a Âncio, indo de encontro à sua própria morte. Primeiro como traidor de Roma, o protagonista é agora o traidor dos Volscos. A sua “honra” conduziu-o a um mundo de contradições. Coriolano é sacrificado para que a comunidade possa ser salva, mas é igualmente purificado. O amor governa, agora, todos os outros valores: no início, o herói procurou a nobreza pela nobreza, desenraizada da vida comunitária; no final, Coriolano submete-se ao poder do amor e, por esta razão, pode por fim demonstrar o seu orgulho de uma forma graciosa e vigorosa, quando responde às acusações de traição proferidas por Aufúdio.

Se escrevestes direito as vossas crónicas  
Sabeis que em Corioles fiz espavorir  
Vossos Volscos como águia num pombal!  
E o fiz sozinho! (V, vi)

O orgulho de Coriolano é agora iluminado pelo amor, o que lhe confere um esplendor próprio, digno do mundo de *António e Cleópatra*.

Silêncio! Não, ultrajes, não! Silêncio!  
É nobre este homem! Sua fama cobre  
Todo o orbe! (V, vi)

\* In *The Imperial Theme*. Oxford: O.U.P., 1930, pp. 154-198.